



SOCSCI

Relatório do workshop com representantes de associações científicas

Ana Delicado, ICS-UL

Inês Pereira, CIES-IUL

Cristina Palma Conceição, CIES-IUL

Raquel Rego, SOCIUS-ISEG-UTL

Cristiana Bastos, ICS-UL

Luís Junqueira, ICS-UL

Patrick Figueiredo, ICS-UL

Julho de 2012

Projeto SOCSCI- Sociedades Científicas na Ciência Contemporânea

PTDC/CS-ECS/101592/2008





Índice

Introdução	3
Metodologia	3
Principais resultados	5
Atividades das associações	5
<i>Eventos científicos</i>	5
<i>Publicações</i>	6
<i>Divulgação científica</i>	7
<i>Aconselhamento político e representação profissional</i>	8
Mobilização dos Associados	10
Públicos	12
Relações entre associações	13
Comunicação interna e externa	15
Conclusões	19
Anexos	21
1. Lista de participantes no workshop	21
2. Exercícios propostos nas sessões de trabalho	22



Introdução

O Workshop SOCSCI decorreu no dia 26 de abril de 2012 no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Este evento está enquadrado no projeto SOCSCI – Sociedades científicas na ciência contemporânea financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/CS-ECS/101592/2008), em curso no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, em colaboração com o SOCIUS-ISEG e CIES-IUL. Este projeto tem por objetivo compreender que papel desempenham as sociedades científicas na ciência contemporânea em Portugal. Organizado durante a fase final do projeto, este workshop teve o duplo objetivo de dar a conhecer os principais resultados às associações que colaboraram no processo de investigação e de fornecer um espaço de discussão destes resultados e de troca de experiências entre os participantes

Neste relatório serão apresentadas a estrutura de organização do evento, um resumo das intervenções dos participantes e as principais conclusões retiradas da discussão.

Metodologia

O workshop com representantes das associações científicas estava previsto na formulação inicial do projeto de investigação e tinha como objetivo apresentar e debater os resultados de investigação, “devolvendo-os” ao próprio objeto de estudo.

Para tal, no final de março de 2012 foram enviados convites à participação a todas as associações científicas que foram objeto de estudo de caso¹ e às associações que tinham respondido ao inquérito realizado em 2010 e que tinham manifestado interesse em ser informadas dos resultados do projeto². Foram contactadas 47 associações e representantes de 14 delas estiveram presentes no workshop (ver lista no Anexo 1).

O workshop, realizado no dia 26 de abril, foi dividido em três momentos:

- Apresentação pela equipa do projeto dos principais resultados da investigação
- Organização de três grupos de trabalho temáticos
 - As associações como mediadoras entre a ciência e a sociedade
 - O lugar da associação no campo científico: mobilização e motivação dos associados, formas de divulgação, novos suportes de comunicação
 - O cientista como ativista: dos direitos laborais ao papel político da ciência
- Sessão final com a discussão dos resultados dos grupos de trabalho

¹ Ver Delicado, A. et al (2012), Estudo aprofundado de uma amostra de associações científicas: relatório de pesquisa, Lisboa: ICS-UL

² Ver Delicado, A. et al (2011) Recenseamento e inquérito a associações científicas: relatório de pesquisa, Lisboa: ICS-UL



As sessões com os grupos de trabalho foram estruturadas segundo exercícios preparados antecipadamente pelas facilitadoras e pelos restantes membros da equipa do projeto (ver Anexo 2). Os representantes das associações científicas escolheram o grupo de trabalho em que preferiam participar. Cada grupo de trabalho nomeou um relator que na sessão final apresentou os resultados da discussão temática.

Todas as sessões do workshop foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas. As transcrições foram sujeitas a análise de conteúdo em software MAXQDA, permitindo assim a classificação das intervenções do workshop por temas e possibilitando uma análise sistemática destes dados. Tal permitiu ainda a integração desta informação qualitativa na análise e redação de outros produtos do projeto.

Conforme pedido no decurso do workshop, foi criada uma *mailing list* dos participantes, para que pudessem manter o contacto entre si e o acompanhamento das atividades do projeto, designadamente do colóquio que decorreu no Museu Nacional de História Natural e da Ciência no dia 11 de junho de 2012.



Principais resultados

Os temas debatidos no workshop seguem de perto as questões identificadas como pertinentes ao longo do projeto de investigação, mas também as que se revelam mais problemáticas ou geradoras de dificuldades para as associações científicas: as atividades desenvolvidas, a mobilização dos associados, o contato com diferentes públicos, as relações entre associações, a comunicação interna e externa.

Atividades das associações

Entre as múltiplas atividades desenvolvidas pelas associações científicas, há quatro que assumem particular destaque e que foram alvo de discussão ao longo do workshop: a realização de encontros científicos, a edição de publicações, a divulgação científica e o aconselhamento político e representação de interesses.

Eventos científicos

A organização de congressos e reuniões científicas mantêm-se uma atividade importante para as sociedades científicas disciplinares e como tal foi uma das questões focadas durante o workshop. Apesar destes eventos, regra geral de âmbito exclusivamente nacional, serem pouco apelativos para os investigadores mais velhos, mantêm um papel importante na integração de jovens investigadores na comunidade científica

No caso da Sociedade Portuguesa de Bioquímica o público-alvo destes congressos é essencialmente as camadas mais jovens – estudantes quer de nível de licenciatura, quer de doutoramento - e o que eles notam é que os sócios seniores - os investigadores – têm menos apetência para irem a estes congressos, porque têm poucos parceiros para conversar e trocar informação, uma vez que o objetivo principal destes congressos é exatamente que os jovens comecem a entrar neste tipo de eventos e comecem a interessar-se por essas atividades. (SPB)

e na captação e mobilização dos associados.

Vamos às universidades, conforme foi aqui dito, às escolas superiores agrárias, porque há muitas pelo país, e portanto, funcionamos assim. Por exemplo, a semana passada estivemos na Universidade do Algarve, agora vamos para Mirandela, por acaso não é para nenhuma universidade, mas há a Universidade de Trás-os-Montes e há a Escola Superior de Bragança, portanto, juntas, fazemos em Mirandela. Fazemos em Coimbra, na Escola Superior portanto, andamos exatamente...para quê? Para angariar sócios, para angariar estudantes (claro, não é?) e para termos gente e diversificar - não podemos trabalhar só aqui em Lisboa. (APH)

Tentar recuperar alguma coisa e isso nota-se muito na altura dos congressos, que é quando existe os picos de inscrições e de reinscrição. E daí, pronto, mas estamos a tentar fazer com que esta disparidade entre pagantes e não pagantes seja cada vez menor. Mas depois existe este lag de tempo entre os tais ditos 3 anos que nós tentamos de alguma forma facilitar. (SPB)



No entanto, a experiência de algumas associações aponta para a internacionalização dos congressos, através de parcerias com associações estrangeiras, como forma de ultrapassar a reduzida dimensão de algumas comunidades disciplinares nacionais e de recuperar o interesse dos investigadores seniores.

(...) não fazemos um congresso, como disse, fazemos um congresso ibérico de quatro em quatro anos e pronto, e aí, eu também acho que, porque nós somos poucos, também, como já sabem e cada vez pior, porque antigamente havia mais financiamento, havia mais projetos, havia...nós tínhamos uma grande participação de técnicos, por exemplo, do Ministério da Agricultura, que agora não vão, porque não há financiamento, e portanto, andamos aí completamente (APH)

A nível de congressos, falou-se na internacionalização. Porquê? Porque, muitas vezes, os congressos a nível nacional são mais restritivos, nós somos relativamente poucos. (...) Havendo congressos internacionais, ou ibéricos, ou de outro tipo, talvez já haja mais parceiros para poder interagir com os investigadores mais seniores e, portanto, isso seria uma boa oportunidade. (SPB)

Publicações

A edição de publicações científicas é outra das atividades frequentemente desenvolvidas pelas associações, sobretudo as sociedades científicas disciplinares, sendo uma área onde se levantam dificuldades particulares. Neste sentido, várias associações têm abandonado as publicações em papel em detrimento de formatos digitais, especialmente para reduzir os custos associados à distribuição das publicações.

Também temos uma revista trimestral, só que só sai online – portanto, está disponível online, por causa de uma questão de custos (...) Houve uma altura que eram incomportáveis os custos e não dava mesmo. E, independentemente disso, muitas das vezes, temos alguma dificuldade em que as pessoas colaborem atempadamente. Portanto, tudo isto tem tempos, não é? (SPB)

Contudo foram apontadas também preocupações em relação ao uso destes novos formatos, por poderem excluir algum do seu público potencial.

Agora, temos o problema que o colega disse. Isto era uma revista trimestral, também passámos a quadrimestral, por diferentes razões. Porque é que ainda não passou a eletrónica? E eu já estou no segundo mandato – eu sou presidente da direção, mas já estou no segundo mandato – é que, infelizmente, ainda temos muitos sócios que nem sequer têm correio eletrónico, portanto, estão a ver? O nosso nível é diferente do vosso. Não são muitos, mas são aí uns 10%.(APH)

Alguns participantes apontaram também possíveis soluções para os problemas das revistas científicas das associações, em particular pela abertura a comunidades científicas de países lusófonos



E estamos também, através da revista, como temos tido um interesse muito grande de participação do mundo lusófono da revista científica online, estamos a receber muitos trabalhos e muitos artigos a serem submetidos para esta revista do mundo lusófono e estamos a abrir também esse leque da revista. (SPECO)

ou pela indexação das revistas em bases de publicações científicas internacionais.

Sabe, a nossa revista, colega, tem estado a ter melhor visibilidade ultimamente, porque nós tivemos acesso à plataforma Scielo – não sei se conhecem – e, a partir daí, a nossa revista começou a ter mais procura. Nós não temos dificuldade em encontrar colaboração na revista, não temos. Por outro lado, também estamos a colocar na nossa página os PDFs dos artigos. Portanto, aí já fica disponível a informação. Portanto, ultimamente temos tido bastante procura para a publicação de artigos. Eu tenho na direção da revista um professor – é o professor Sequeira – e um colega que eu fui buscar, porque já sabia que era preciso ajuda para o professor, e eles estão a tentar incluir a revista no ISI. Portanto, até agora eram artigos de boa qualidade, mas não excessivamente isentos e agora vamos passar a ter um peer review. A partir deste ano, já temos peer review, porque realmente começámos a ter bastante procura. (SPM)

Divulgação científica

As atividades de divulgação científica foram também destacadas, principalmente pelas associações direcionadas para a ligação entre a ciência e o público não especializado. Estas atividades podem ser baseadas em formatos mais tradicionais, como a organização de tertúlias

Estamos a coorganizar um ciclo de tertúlias com a LPN sobre temas da pesca, onde fazemos sempre questão de eles estarem presentes, dentro das limitações possíveis, já que as tertúlias realizam-se em Lisboa. Temos tido muita participação. Novamente, também, temos mediado alguns contactos entre os pescadores, cientistas e o público “em geral”. (SCIAENA)

ou em novos formatos, como a organização de torneios de robótica para jovens em idade escolar.

É assim, nós temos o torneio nacional, onde os jovens, várias equipas participam, pode ser analisado por empresas que criaram, que têm lá os filhos e criaram, outras empresas que patrocinaram em escolas, temos escolas que os professores que fazem. Nós já estivemos no país todo a fazer várias atividades para as escolas, mas depois isto tem tudo custos e depois.. (Evoluir21)

Mas algumas sociedades científicas disciplinares dedicam também parte da sua atividade à divulgação de ciência para o grande público. Por exemplo, a SPECO organiza diversas atividades com o objetivo de dar a conhecer a biodiversidade em determinadas áreas do país

Também temos feitos várias tertúlias, apresentações de filmes, temos um evento que já fizemos duas edições chamado “Bioblitz”, que fizemos no Algarve, até agora, que dedica-se mesmo a trazer o público “em geral” para o dia-a-dia de um investigador, identificando as espécies determinadas e dos diferentes “filos” numa área geográfica e penso que será mais ou menos isso. Portanto, eventos públicos de vária ordem. Temos agora um projeto também



virado para o público, no caso de Almada, para mostrar aos almadenses, às pessoas, a biodiversidade existente no concelho. (SCIAENA)

Neste domínio, do workshop emergiu também a referência a uma outra atividade de mediação entre ciência e público desempenhada pelas associações: o encaminhamento de solicitações do público para membros da comunidade científica, quer em forma de dúvidas quer de necessidades de investigação. Tal oferta, facilitada justamente pelas funcionalidades da internet, representa uma aproximação ao papel das “lojas de ciência”, experiências com expressão ainda muito reduzida em Portugal mas já com alguma tradição noutros países europeus.

Nós criámos uma plataforma online para esclarecimento de dúvidas em ecologia. Depois as pessoas submetem a sua dúvida e nós, no âmbito dos nossos contactos associados, nas áreas sectoriais que temos para cada um dentro da ecologia, direcionamos essa mesma questão. (...) Vou-lhe dar um exemplo: ontem recebemos uma de alguém que quer fazer uma plantação de árvores na zona de Santarém, mas quer que sejam plantas que estejam de acordo com o ecossistema local, para a criação de mel. E nós reencaminhamos - nós temos uma rede de contactos bastante larga na área da ecologia – para a pessoa certa e essa pessoa normalmente responde-nos e nós damos o feedback a essa pessoa. Acho que é muito interessante essa plataforma. (intervenção do representante da SPECO no workshop)

O que temos feito concretamente é, por vezes, estreitar contactos. Somos contactados por cidadãos anónimos, estou a lembrar-me agora de um contacto que tivemos da Associação Portuguesa de Pesca Submarina que nos fez-nos uma queixa em particular, que era não existirem estudos sobre esse tipo de atividade, e nós rapidamente fizemos a ponte com investigadores que trabalhavam nesta área. Pronto, tem acontecido algumas situações deste género, também. Portanto, é o contacto direto. Somos contactados e tentamos pôr os cientistas em contacto com o público “em geral” ou vice-versa. (intervenção do representante da SCIAENA no workshop)

Aconselhamento político e representação profissional

A questão da representação profissional foi levantada principalmente pelos representantes de associações de profissionais presentes no workshop. A discussão permitiu destacar algumas das dificuldades que estas associações enfrentam em mobilizar os investigadores para o ativismo, em particular a falta de uma cultura de ativismo político nas instituições portuguesas.

Mas fundamentalmente era isto e sobretudo dizer que, também nesta experiência - este é o terceiro e último tópico - não há de facto, nem ao nível governamental, nem ao nível institucional – de algumas instituições científicas e das instituições de ensino superior onde os cientistas exercem as suas atividades – não há, de facto, uma cultura política que saiba integrar as vantagens do ativismo, não há. Os protocolos tendem a ser coisas muito vazias, quer aqueles que vêm de cima - sei lá, tipo a Carta Europeia dos Investigadores -, são protocolos que ficam vazios e que resultam muito da falta desta cultura política e cultura institucional que, de algum modo, não seja desenvolvida na base deste preconceito que existe, muitas vezes, de que os ativistas são ativistas profissionais, que são aquelas pessoas que estão ali para tirar benefício



pessoal qualquer, que são as pessoas que estão ali porque têm um interesse muito particular - isso existe, como em muitos lados, mas as instituições portuguesas não estão preparadas para isso, muito menos as universidades e os organismos governamentais, a mesma coisa. (SNESup)

Foram também destacadas outras formas de promoção dos interesses socioprofissionais dos investigadores, por exemplo através da divulgação científica como forma de “proteger” certas áreas de produção de conhecimento através da sua promoção alargada na sociedade.

E uma das coisas que tem beneficiado esse ativismo é a divulgação. Muita gente, o que descobriu - e eu acho que principalmente na área da Biologia tem muito é bastante valorizado – é que a divulgação científica acaba por funcionar como uma valorização da tua área de conhecimento e se valorizares a tua área de conhecimento perante a opinião pública vai fazer com que essa área nunca seja desvalorizada para o cidadão comum. Há pessoas que fazem divulgação científica porque gostam e acreditam, mas há muita que faz porque sabe que acaba por ser uma arma de ativismo. A valorização do conhecimento que eles produzem vai permitir-lhes visibilidade, vai permitir salvar aquela área. E isso tem sido muito bem feito principalmente nas áreas das ciências naturais e biológicas. (ABIC)

O envolvimento das associações científicas na esfera política não se esgota na defesa de interesses próprios dos cientistas, mas estende-se também à capacidade de intervenção dos cientistas na sociedade. Por exemplo, a SCIAENA destaca a sua intervenção nas políticas públicas em torno do tema das pescas.

E eu, entretanto, estava também aqui a pensar, também identifico, de facto, esse público que são os decisores, e aqui temos feito...decisores políticos de vários níveis... temos feito várias reuniões com membros de ministérios, com câmaras municipais, eurodeputados, deputados, também já, e será um pouco por aqui. (...) Temos centrado, por dedicação específica de alguns membros da associação, temos centrado muito a nossa atividade à volta dos temas da pesca, sobretudo por causa da reforma da política comum das pescas que está a decorrer, na qual nós participamos, também novamente, não a nível individual, através da Plataforma de ONGs Portuguesas sobre a Pesca e numa estrutura maior chamada Ocean2012, que será a tradução disto a nível comunitário (SCIAENA)

Já o representante da ABIC refere o potencial das associações científicas na formulação e atualização dos programas do ensino básico e secundário.

Outro caso importante é na parte do ensino. Ou seja, em muitas das nossas associações e entidades temos professores de secundário, do básico, temos investigadores, temos membros da sociedade “em geral” e, ou seja, nós temos a massa crítica que poderemos dar pareceres a nível dos programas, no ensino básico e secundário, que poderá ajudar na transferência de conhecimento ou mesmo a uma melhor atualização dos programas, por causa de ter um contacto mais íntimo com a investigação. (ABIC, P3)

Um dos participantes referiu ainda a influência que os atores políticos exercem sobre o surgimento e funcionamento de algumas associações,

resultante da minha experiência, também vejo, muitas vezes, algum envolvimento - não sei se lhe chamaria ativismo – pessoas que ficam ativas, sobretudo durante algum tempo e que são ativismos científicos que são promovidos por cima. Ou seja, com alguma frequência, nestes



17 anos que levo de experiência, neste domínio – estou só a falar da minha atividade sindical -, vejo e tenho visto algum ativismo promovido por cima, que acaba por ser um ativismo muito temporário. Ou seja, ele existe enquanto os poderes que o promoveram são poderes, depois de deixarem de o ser (...) por exemplo, essa associação, aquela associação (também não sei agora exatamente o nome, mas de cientistas portugueses nos Estados Unidos... [PAPS] (...)) acho que são ativismos, muitas vezes, digamos assim, instrumentais, constituídos para certos fins, que aparecem ou reaparecem cirurgicamente consoante as agendas políticas. (SNESUP)

que entra em alguma contradição com o escasso controlo que o Estado exerce sobre as associações científicas uma vez passado o seu período de constituição.

Uma das coisas que me preocupa, estamos aqui entre associações, é também a leviandade com que com muitos interesses governativos, muitas vezes, se permite que as instituições continuem a existir. Muitas vezes, é essa confusão de as associações existirem que tornam o sistema mais opaco, que permite determinados oportunismos e a mim incomoda-me muito que, se existe legislação diferenciada para os diversos tipos de associativismo, depois o Estado não vigia, de alguma maneira, o cumprimento daquilo que são as obrigações das associações. Por exemplo, a mim faz-me muita confusão, sei lá, eu nunca beneficiei do crédito de horas, sempre recusei fazê-lo por uma questão de princípio. E nunca beneficiei de redução de horários por estar na direção do sindicato (...) faz-me confusão que haja pessoas a beneficiar disso sem fazerem depois o devido trabalho associativo, como, por exemplo, não prestam nos boletins oficiais do Estado as obrigações que decorrem da existência associativa. (SNESUP)

O grande problema a nível de associativismo há aqui...se formos para outras áreas de associativismo, que não científicas, por exemplo...uma pequena vila, em Portugal, deve ter entre a 10 a 20 associações diferentes. Quantos cumprem realmente as normas que se propõem cumprir, ou segue a parte financeira, a parte organizativa? Há um grande incumprimento geral do associativismo e isso, infelizmente, não é só uma questão...se calhar, muitas, interessa...neste caso, pode interessar ao Estado, mas também há uma grande parte da sociedade que lhe dá jeito que não haja consequências em não cumprir essas normas. Todos nós conhecemos associações que, se calhar, não têm...estão numa área cinzenta de legalidade, há 10 anos ou mais, e que as coisas não andam...se calhar, não têm nenhuma assembleia geral há 5 anos, porque não são convocadas, ou porque falta um relatório, e não há consequências, nunca houve consequências para isso. Isso realmente é um problema. (...) Se a ABIC cumpre as regras e fica em desvantagem a quem não cumpre isso aí é errado. (ABIC)

Mobilização dos Associados

A captação e mobilização dos associados foi um tema amplamente discutido durante o workshop e foram indicadas várias dificuldades pelos representantes das associações. Por exemplo, os representantes da OTC e do SNESup apontaram um certo isolamento dos cientistas como um dos problemas para a mobilização associativa.

Não é muito fácil. Não é muito fácil, porque, como digo, eles não olham para lá da porta do laboratório e muitas vezes nem sequer estão disponíveis para ir visitar um site. Portanto, é necessária alguma insistência e contactos particulares, e tal, para conseguir chamar a atenção. Não é muito fácil, não. Aliás, isso nota-se, essa atitude, sobretudo de investigadores,



nota-se noutros aspetos, por exemplo, o baixíssimo grau de sindicalização dos docentes universitários, por exemplo. Se não é o mais baixo do mundo anda perto disso. Muito menos que em França, sem qualquer comparação. Enfim, vai no mesmo sentido. Do isolamento, do auto isolamento. (OTC)

(...) mas uma primeira ideia, e que resulta do facto de eu ter uma experiência sindical de mais de 15 anos a tentar mobilizar profissionais da investigação científica, docentes, investigadores, para causas, para ativismos, um pouco nesse contexto, a experiência que eu tenho é que, por um lado, o isolamento em que essas pessoas exercem as suas profissões, pela hiperespecialização – no fundo, também foi referido aqui que as pessoas mesmo quando são ativistas serem ativistas de coisas cada vez mais hiperespecializadas (SNESup)

Outro problema indicado foi a dificuldade das associações em oferecerem vantagens que motivem os investigadores a tornarem-se membros.

Se calhar não é só a questão financeira, se calhar é a questão de tentarmos chegar mais perto dos estudantes, dos investigadores, e se calhar também de os motivar, ou seja, dar algum tipo de vantagens. Neste momento, as contrapartidas que nós damos são muito importantes e, de facto, não são muitas, não é? Para um investigador as contrapartidas que nós damos é participar nos congressos, ter os seus artigos publicados na revista e no site, habitualmente temos alguém de outros países, numa determinada área, então é uma hipótese de estar com pares, etc., mas de facto, as contrapartidas que nós damos não são muitas, portanto, entendo que não seja muito motivante. (SPMET)

Os representantes das sociedades científicas disciplinares destacam também a dificuldade em mobilizar determinadas categorias de associados, como os investigadores mais velhos no caso da SPB

Acontece que, na minha perspetiva, eu vejo que se calhar as pessoas que estão um pouco mais acima a nível de carreira não tiram tanta vantagem de estarem na própria associação, porque, em termos práticos, aquilo que elas podem tentar ser mais cativas na sociedade poderá ser na participação, e isso é muito importante. Acaba por ser um veículo indireto de dizerem o que é que estão a fazer e de outras pessoas os ouvirem. Será um pouco divulgação científica especializada. Mas se calhar pára aí as suas vantagens, porque não vejo muitas mais que possam ter. (SPB)

ou os jovens investigadores no caso da SPMET.

A nível dos investigadores e a nível da dificuldade em captar associados não temos assim uma grande dificuldade, digamos assim. Mais nos estudantes, talvez. Temos feito alguns encontros em algumas universidades. Temos tentado fazer, não só aqui mas pelo país, Funchal, etc., também, com o objetivo de cativar mais estudantes. O problema inverte-se do que o colega aqui referiu. Comigo é ao contrário. Os estudantes, de facto, é que temos tido alguma dificuldade em os chamar para a nossa sociedade. É um bocadinho o oposto. É um bocadinho mais a nível sénior do que ao contrário. (SPMET)

Ainda para a SPMET é destaca a dificuldade em captar empresas para sócios coletivos da associação devido à escassez de empresas de determinadas áreas científicas a operar em território nacional.



Temos alguma dificuldade. Não é uma sociedade com muitos associados, portanto, é uma sociedade relativamente pequena – temos cerca de cento e picos associados efetivos, empresas uma dezena – portanto, não é uma grande sociedade, digamos assim, mas também não há muitas empresas em Portugal que representem e trabalhem na área. Portanto, penso que temos... (SPMET)

Públicos

Um outro tema que esteve em destaque no workshop foi o dos públicos a quem as associações dirigem as suas atividades. As associações revelaram diferentes perfis em termos do seu público. Algumas associações procuram principalmente alcançar públicos especializados

Como eu vos disse há pouco, eu represento a Sociedade Portuguesa de Bioquímica. Não sei se têm ideia de quais os nossos tipos de atividades, mas nós, normalmente apoiamos uma escala mais virada para a própria investigação. Ou seja, nós temos como nosso principal alvo, a parte mais cativa, acabam por ser os estudantes do ensino superior e os estudantes que estão a começar, por exemplo, doutoramentos, e por aí fora. (SPB)

enquanto outras procuram sobretudo o contato com a sociedade em geral.

Portanto, a SCIAENA surgiu em 2006 e basicamente a sua função principal é tentar fazer pontes entre a sociedade “em geral” e a investigação científica, mais centrado nas ciências do mar, mas não só. E como tal, o nosso público “em geral”, principal, tem sido mesmo a sociedade civil e temos atuado junto desta através da divulgação de conteúdos (SCIAENA)

Outras procuram ainda uma combinação destas duas vertentes, dirigindo-se tanto para os investigadores da sua área científica, como para um público mais alargado.

Então, talvez vou dar a ordem de importância talvez ao maior número de associados que nós temos, que são os investigadores em ecologia e estudantes do ensino superior, na área da ecologia, ou biologia. (...) Depois, talvez colocasse aqui, por ordem, talvez a sociedade civil que nós criámos uma plataforma online para esclarecimento de dúvidas em ecologia, e que depois as pessoas submetem a sua dúvida e nós, no âmbito dos nossos contactos associados, devido às áreas sectoriais que temos para cada um...dentro da ecologia, nós direcionamos essa mesma questão. (SPECO)

Contudo, alcançar estes públicos nem sempre se revela fácil, e algumas associações deixaram evidentes as dificuldades nesta matéria, nomeadamente pela profunda especialização das temáticas exploradas.

Nós no nosso caso, que são mesmo os convertidos – que são os associados – às vezes, já esses é difícil de gerir. Nomeadamente no envolvimento, no pagamento da quotas e tudo isso, aí já há um trabalho bastante grande. Mas sim, no nosso caso, como é muito específico, é ligado à promoção de ecologia como ciência, muitas vezes, nós pensamos que realmente o público que são os investigadores da ecologia, são o público que se interessa mais pelas nossas atividades e a sociedade civil nem tanto. Apesar de termos uma plataforma para o envolvimento dos mesmos, mesmo as questões acabam por vir de pessoas não da sociedade



civil mas de pessoas que de alguma forma já trabalham em ecologia, já fazem investigação em ecologia. (SPECO)

Por outro lado, algumas associações, apesar de reconhecerem algumas limitações, reconhecem desenvolvimentos positivos na sua capacidade de captar os seus públicos-alvo.

No fundo, a grande missão é tentar fazer com que o público “em geral” perceba a investigação que é feita e vice-versa, também, por outro lado, que os cientistas percebam o que é que o público necessitaria deles. Nesse especto não tem sido muito complicado. Por outro lado, também, nos pescadores, por exemplo, há uma geração nova de pessoas direta ou indiretamente associadas à pesca, com outro tipo de formação e que também já estão bastante disponíveis, portanto, aí, não em grande escala, mas temos alguns interlocutores muito interessantes com quem tem havido muita troca de ideias. Portanto, não tem sido muito difícil, acho eu. Acho que se houvesse outras capacidades por parte da associação conseguiríamos atingir mais gente, efetiva. (SCIAENA)

A procura de novos públicos foi também uma questão levantada durante a discussão e algumas associações manifestam interesse em expandir o leque das suas atividades para alcançar públicos mais jovens, em particular os estudantes do ensino básico e secundário.

Também ia pelos públicos não universitários: escolas. Pré-universitário. Temos interesse em chegar a esta população. Algumas das iniciativas que nós já fizemos tinham algumas iniciativas viradas para eles, mas gostávamos de fazer mais. Julgamos que é importante. No fundo, também, é uma coisa que nos interessa: é traduzir estes conteúdos científicos não só para o público geral, mas para o público não formado, crianças. Era interessantíssimo. Era algo que gostaríamos de trabalhar, até agora não conseguimos tanto. Mas, no fundo, queremos atingir mais e melhor estes com quem já interagimos. Era bom chegar ao público sub-18 anos, 20 anos, vá. (SCIAENA)

Nós para além de uma comunidade científica somos uma ONG de ambiente, temos as duas valências e, de facto, queríamos também chegar às camadas mais jovens e divulgar a ecologia logo desde mais tenra idade. Se calhar aí também faz falta um trabalho mais...podia ser interessante um projeto com as escolas, mas por uma questão de tempo não nos tem sido possível, e de recursos, porque o dispêndio de dinheiro, deslocações, é considerável, mas seria interessante. Acho que sim, que seria interessante. (SPECO)

Relações entre associações

Várias das associações presentes no Workshop referiram as vantagens da formação de parcerias e organização de atividades conjuntas com outras associações científicas. Estas relações permitem, por exemplo, a organização de congressos mais dinâmicos

Organizamos anualmente um encontro e, de dois em dois anos, um encontro de dois dias, mais alargado, digamos assim, onde temos alguns convidados internacionais, na matemática, na física, na química, etc...o ano passado organizámos este encontro de dois dias em colaboração com a SPQ - Sociedade Portuguesa de Química, aqui na Faculdade de Ciências – teve, de facto, uma dinâmica muito maior (SPMET)



ou superar certas dificuldades das associações de menor dimensão, pelo desenvolvimento de parcerias com associações com mais recursos

E devo dizer que nós, devido, por exemplo, à pouca massa crítica, nós temos uma ligação muito forte com a Ordem dos Engenheiros e com o Colégio de Engenharia de Materiais, porque são muitos de nós são os mesmos – eu também sou membro do Colégio de Engenharia de Materiais. Associamo-nos quase sempre nas ações para não estarmos a duplicar esforços. (SPM)

Nós temos...somos pequeninos, novos e temos potencializado muito estas interações com algumas ONGs, sobretudo a LPN tem sido nossa parceira em imensas coisas, depois através da Plataforma de ONGs sobre as Pescas são mais...portanto, somos nós, a LPN, a Quercus, a Geota, a APECE – que é a Associação Portuguesa para o Estudo e Conservação de Elasmobrânquios – e...falta-me alguém...ah, a SPEA, das aves. Portanto, nós temos feito muita coisa em networking, mas podemos fazer mais. (SCIAENA)

Um desenvolvimento interessante apontado durante o evento foi o projeto de criação de uma federação de associações científicas por iniciativa da SPB, com contactos já estabelecidos com outras associações como a Sociedade Portuguesa de Química ou a Sociedade Portuguesa de Neurociências.

Uma das coisa que... e na atualidade a Sociedade Portuguesa de Bioquímica está a tentar criar uma federação que engloba, de alguma forma, várias sociedades científicas que depois se tente fazer alguma coisa... Vai haver agora um encontro – ou está a ser projetado um encontro – onde isso irá exatamente ser discutido com a Sociedade de Química, com a Sociedade de Neurociências, também, portanto...há, de alguma forma, essa vontade. (SPB)

Nenhum dos participantes referiu a Federação já existente (FEPASC), que se encontra praticamente inoperante.

Já a SPECO aponta para um certo isolamento a nível disciplinar. A associação mantém relações com associações estrangeiras e internacionais da mesma área e com ONG de ambiente portuguesas, mas não tem desenvolvido contactos com outras sociedades científicas disciplinares nacionais.

Nós, no nosso caso, cooperamos muito com outras sociedades científicas – até talvez seria bom acrescentar – com outras sociedades científicas de ecologia de outros países. Outras sociedades científicas de áreas sectoriais, em Portugal, de facto não temos esse tipo de cooperação. Enquanto ONG de ambiente, sim, temos muita cooperação com outras ONGs de ambiente, mas de facto, com outras sociedades científicas, e enquanto nacionais, talvez exista essa falha, sim. Mas com outras sociedades científicas de ecologia tem sido uma cooperação bastante estreita, nomeadamente, temos organizado encontros em conjunto, nomeadamente com a Associação Espanhola de Ecologia Terrestre, por exemplo, no ano passado. (SPECO)



Comunicação interna e externa

Em termos de comunicação e divulgação das associações, os participantes deram especial ênfase ao impacto das tecnologias de informação. As associações usam diversos formatos de comunicação eletrónica com os associados e de divulgação das suas atividades na internet, em particular os websites ou as *mailing lists*.

No concreto é assim: a elaboração de estudos e divulgação de textos junto dos associados. Nós temos uma via, é a via das tecnologias de informação, porque é mais económica e mais rápida. Reformulámos o site, que atualmente está operacional, e que contém muita informação sobre toda esta problemática. (OTC)

(...) estamos a utilizar obviamente as mailing lists, as newsletters eletrónicas – mensalmente enviamos uma newsletter com informação que possa ser realmente importante, nomeadamente em termos de aspetos de bolsa, eventos, oportunidades de financiamento, que são sempre os principais problemas que afetam os associados. (SPB)

Uma coisa que eu acho boa – nós não temos, mas há revistas que têm, na nossa área – que é a newsletter. Mas não é só a newsletter. Repare, é a newsletter que tem os temas que vão indiciar e obrigar a ler a revista. Isso é que é! É ótimo! vai ao site e tem lá...por exemplo, eu recebo uma revista que é comercial, que é a “Vida Rural” e recebo a newsletter – todas as semanas eles têm – só que quando eu quero ir à revista, eu não abro a revista. Portanto, eu sei que existe na revista aquilo, mas só se a comprar. Ou se for assinante da revista. Portanto, eu acho que isso também funciona bem. A newsletter, nós podemos ter uma mailing list enorme, não é? Porque não falámos nas mailing lists, mas de facto é outra forma. E assim funciona também. eu acho que funciona bem. Não uso. Nunca usei, mas eu acho que é o futuro também. (APH)

Apesar da perceção do impacto destas tecnologias ser muito positivo, foi indicada pelo menos uma possível desvantagem a ter em conta no seu uso: o excesso de informação recebida pelos destinatários pode dificultar a receção das comunicações da associação.

O que eu acho e acrescentando um pouco à minha resposta, eu acho que hoje em dia, nós enviamos a informação através da internet, através dessas plataformas e pensamos que essa informação chega ali. Confiamos nisso totalmente. Mas, hoje em dia, as pessoas recebem uma catadupa de informação e, às vezes, não sabemos a atenção que realmente estão a prestar àquilo e se estão realmente a ler aquilo e se aquela é a forma correta de chegar às pessoas. Às vezes, fico com essa dúvida. De facto, a informação chega lá, mas chega lá essa informação como milhentas outras informações ao mesmo tempo e não sei se temos mesmo a certeza que as pessoas receberam aquela informação. (SPECO)

Foi também referido o impacto e o potencial das novas formas de comunicação com ênfase na participação dos utilizadores, geralmente designadas no seu conjunto pelo termo Web 2.0, com particular destaque para as redes sociais como o Facebook, que permitem às associações alcançar novos públicos.

Os contactos, quer dizer, o facebook é muito aberto e através de certas coisas é possível ir chegando...de comunicação em comunicação vai-se chegando a pessoas que nós não conhecemos e não tínhamos contacto direto. Uma coisa que eu tenho notado, com algum



interesse, é que algumas pessoas que eu consideraria que, pelo menos em termos estatísticos, estariam fora desse tipo de contactos e que participam ativamente. Fartam-se de escrever nos blogs, no facebook. Pronto, pessoas mais velhas ligadas à pesca, portanto, que, à partida, não teriam sensibilidade muito grande para estar a participar nesse tipo de formato e muito cativas, algumas. Não são numerosas, mas com essas tenta-se fazer depois outro tipo de contactos. Aqui estamos um pouco limitados. Gostaríamos de fazer mais. (SCIAENA)

Tentámos também, agora mais recentemente, há uma questão de quatro anos, enveredado pelas redes sociais – temos facebook, temos um canal de youtube, no qual, através de uma parceria com uma empresa privada, estabelecer uma espécie de colaboração onde eles nos consigam fazer vídeos que, depois, à posteriori, possam ser publicitados pelos nossos associados, com o objetivo de promover a sociedade, com o objetivo de promover a bioquímica, sendo ela uma ciência que não é...ou seja, não é uma biologia, não é uma matemática, não é daquelas ciências que são mais dadas a nível de ensino secundário. (SPB)

O fórum de discussão eletrónico foi outra forma de comunicação destacada durante o workshop, referida pelo representante da SPMET e que despertou o interesse de outros participantes.

As formas de divulgação temos um site, um fórum com os Países de Língua Oficial Portuguesa, os PALOP, Brasil, etc., onde são colocadas as questões mais variadas, onde se faz o intercâmbio de documentos, de troca de documentos, colocação de dúvidas, etc. Este fórum tem de facto uma atividade muito intensa, quer até para arranjar algumas colocações a nível de estágios, de emprego, etc. Portanto, é um fórum de facto muito cativo. (SPMET)

Sim. Eu, por acaso, achei muita piada à questão do fórum, porque acaba por mostrar maior interatividade e eu acho que, muitas das vezes, as pessoas acham distantes das próprias associações por não serem tão intervenientes quanto se calhar gostariam. E acho que esta questão do fórum acaba por ser bastante interessante. Portanto, acho que é uma boa forma de auto divulgação e de divulgação de todos os temas que mais interessam. Assim não estamos a cingir...por exemplo, com uma newsletter, somos nós que escolhemos aquilo que colocamos numa newsletter, mas no fórum é o próprio. Como disse, gere-se... (SPB)

Contudo, por parte de representantes de associações que já usam efetivamente esta ferramenta, foram apontadas possíveis dificuldades na criação de novos fóruns, que tem vindo a perder o interesse dos utilizadores face à emergência das redes sociais.

Eu acho que...não cheguei a ver, mas eu neste momento tenho estado envolvido, por causa do Eurodoc, nalguns projetos de criação de fóruns e networks e uma das coisas que nós temos vindo a perceber, depois da análise que fizemos em alguns casos, tirando alguns fóruns muito específicos, os fóruns como existiam há quatro ou cinco anos atrás têm perdido muito terreno e têm corrido muitas vezes, ou tem sido muito difícil, atualmente, cativar fóruns. Só os fóruns já muito fortes e que já têm muita gente é que se têm mantido. Principalmente por causa das redes sociais. Ou seja, nas redes sociais consegues ter um fórum, locais de discussão e é muito mais fácil aderirem dentro de uma rede social do que estarem a ver seis ou sete fóruns distintos. Ou seja, eu gostei da ideia, mas provavelmente terá muito mais sucesso se for um sítio em que as pessoas já acedem, seja fácil de aceder, sem ser uma coisa que tens que ir propósito... (ABIC)



O uso de meios eletrónicos para gerir inscrições foi também referido. Por exemplo, a APH apresenta uma muito boa experiência do impacto destes meios na angariação de novos associados.

Pois, eu penso que sim. Esta gente aparece...eu realmente...desde que nós criámos no site a possibilidade de a pessoa se inscrever online e através do facebook, mas a inscrição online mudou completamente as inscrições. Aparecem muito mais. Por exemplo, uma coisa que nós não tínhamos antes, porque praticamente era quando havia os congressos e os eventos em que a pessoa se inscrevia, e aí sim, nós temos agora um grande fluxo de gente, por exemplo agora, como vos disse, no ano passado estive em Faro e nós conseguimos, porque claro, a diferença de preço entre ser sócio ou não nos eventos tem que ser um bocadinho para forçar as pessoas a inscreverem-se, não é? Como devem calcular. Porque alguns ficam outros não ficam, alguns ficarão. Mas, através do site, a inscrição online funcionou muito bem, eu tenho alturas em que todas as semanas “cai” gente e “caem” estudantes, e “cai” gente nova e “caem” pessoas agora que voltaram à agricultura, jovens que não têm emprego e querem voltar à agricultura, portanto, é muito engraçado. Nesse especto isso funcionou muito bem. (APH)

O contato com os meios de comunicação social é uma outra forma de as associações fazerem chegar a sua mensagem ao grande público e neste sentido algumas das associações participantes referiram as suas experiências de contacto com os *media*. No entanto, a perceção do impacto desses contactos varia consoante a associação. Por exemplo, a SPECO refere a sua boa experiência de contacto com os media.

Exato. Nós, por acaso, fizemos alguns cursos, e nós divulgamos para todos os grupos de investigação, todas as mailing lists de cientistas e também para os meios de comunicação social. E, por acaso, temos um feedback positivo. (SPECO)

Outras associações preferem apontar algumas das dificuldades encontradas no âmbito destes contactos. A SCIAENA refere que estes contactos são difíceis e limitados a um grupo de poucos jornalistas mais interessados em assuntos científicos.

Nós, através da PONG Pesca, temos...a PONG Pesca também é uma coisa recente, surgiu em 2009, e a esse nível temos tentado muito chegar aos media e tem sido muito complicado. Não há muita resposta, temos tentado, usaria a expressão “assediar”, porque é um público que tentamos chegar diretamente, tentando obter contactos que algumas das associações que fazem parte já têm há anos – com a Natureza e a Quercus têm muito bons contactos – mas é difícil cativá-los a estarem presentes no evento, a fazerem uma peça. Especialmente no início foi muito complicado. Ao longo do tempo, têm vindo a melhorar algumas relações - novamente, não quantidade mas qualidade. Há uns quantos jornalistas do Expresso, do Público e da Lusa – assim que me lembre de repente – e há também um site online, Ambiente Online, que também nos contacta mais diretamente. (SCIAENA)

Segundo a OTC os contactos com os media são esporádicos e motivados sobretudo por acontecimentos circunstanciais, mais do que pelo interesse no conhecimento científico.

Em relação aos meios de comunicação social também é muito polarizada em certas questões. Em certas circunstâncias. Por exemplo, a questão do nuclear, estou a pensar nisso, porque continua a haver jornalistas dedicados a esse sector – conheço alguns, do Público,



nomeadamente e do Diário de Notícias – e, normalmente, com alguma frequência sou contactado, porque sabem que a minha área profissional é essa, quando acontecem estas coisas, sei lá, como uma explosão nuclear, então aí são despertados, não é para a ciência em geral, mas é por acontecimentos particulares. (OTC)

Já na experiência de um dos membros da equipa do projeto, que ocupou um cargo na direção da Associação Portuguesa de Antropologia, os contactos com os *media* são dificultados pelo próprio ritmo de produção de textos jornalísticos que impõe às associações um esforço para preparar depoimentos de especialistas num curto espaço de tempo.

Dá uma espécie de peso ontológico que a existência online não tinha. Não sei se as coisas mudaram. Fui da direção da APA há mais de cinco anos, portanto, as coisas mudam todos os dias e parece que o que funcionava era uma coisa simplérrima que era: jornalistas sensibilizados para a existência da...para saber dizer o nome corretamente, para nos chamar quando havia assuntos que envolviam – por exemplo, quando havia conflitos com ciganos, ou coisas com as escolas que envolviam multiculturalismo, etc.. Então, a coisa que realmente funcionava, muito pouco...o que logicamente é muito pouco consistente, mas era algum jornalista do Público ou de outros jornal com existência e com impacto, estar alerta para a existência da APA e saber a quem telefonar ou mandar o e-mail em situações rápidas – e normalmente eles querem para dali a cinco minutos, porque precisam de fechar uma notícia: “Ai, agora dava tanto jeito ter um depoimento de um cientista, ou de um especialista no assunto”. E então, tínhamos que ter disponibilidade para ter essa disponibilidade para aparecermos nos media. Não é “Ah, mande um e-mail para o site e não sei quê e daqui a 48 horas alguém responde”. (Membro da equipa do projecto)

Por último, foi referida uma forma ainda não explorada de alcançar uma presença nos *media*, o direito de tempo de antena que assiste a algumas organizações da sociedade civil e que pode ser pedido pelas associações científicas que tenham o estatuto de organização profissional ou de defesa do ambiente.

E inclusivamente, posso dizer que, agora, estamos a pensar seriamente numa coisa que nos tinha passado ao lado, que é as associações, as ONGAS, têm direito a tempo de antena e é algo que, há pouco tempo, numa reunião entre as várias ONGs, alguém se lembrou “podemos pedir, para uma determinada campanha, podemos pedir para ter tempo de antena”. E de facto, acho também que o facto de não sermos profissionais, termos outras ocupações faz com que descuremos alguns aspetos que poderíamos potencializar. Esse é um deles, por exemplo. Mas temos tentado, porque os media são muito importantes. (SCIAENA)



Síntese analítica

A realização deste workshop permitiu confirmar e, em alguns casos, aprofundar, os resultados de investigação obtidos nas tarefas precedentes do projeto. Apesar do número de associações científicas participantes ter sido relativamente limitado, o facto de terem estado presentes associações que não tinham sido objeto de estudo de caso proporcionou a oportunidade de testar a generalização da informação recolhida, mas também obter alguns dados novos.

As atividades tradicionais das associações científicas disciplinares têm enfrentado algumas dificuldades em tempos recentes, contudo foram apresentadas algumas soluções. As dificuldades em mobilizar os investigadores mais velhos podem ter uma solução na organização de congressos internacionais, por exemplo em parceria com sociedades congéneres espanholas. Já para as publicações científicas, a digitalização tem sido o principal meio de fazer face ao custo da distribuição em papel. Também foram apresentadas outras propostas para revitalizar as revistas, como a promoção junto das comunidades científicas de países lusófonos ou a indexação em bases de publicações internacionais.

As associações revelam geralmente uma boa perceção do impacto das atividades de divulgação científica. Podemos encontrar ações deste tipo tanto nos formatos tradicionais de palestras e tertúlias ou em novos formatos como a organização de concursos científicos para jovens.

Quanto aos contactos com o poder político, as associações de profissionais científicos encontram algumas dificuldades devido à falta de uma cultura nas instituições portuguesas que saiba tirar partido do ativismo científico. Outras formas de participação política das associações, como o aconselhamento de políticas sectoriais ou na atualização dos programas do ensino básico e secundário, foram também referidas.

Foram apontadas algumas das razões que tornam difícil a mobilização dos cientistas para a participação associativa como o isolamento dos próprios cientistas ou a dificuldades em oferecer vantagens atrativas para os investigadores mais experientes. Certas associações revelam dificuldades em atrair certos tipos associados. Para algumas são os jovens investigadores, enquanto outras têm sobretudo dificuldade em atrair os investigadores mais experientes.

As associações científicas são diversas em termos dos públicos que procuram alcançar, algumas são mais dirigidas à comunidade científica ou a um público generalizado, enquanto outras procuram combinar ambos as vertentes. Existe também uma preocupação em reforçar as atividades das associações para alcançar públicos em idade escolar de forma a atrair jovens para a ciência.

O reforço das ligações entre as associações foi também destacado enquanto forma de promover eventos maiores e mais atrativos para os investigadores e enquanto forma de ultrapassar as dificuldades enfrentadas pelas associações de menor dimensão. Foi ainda referido por uma das associações que se encontra em contactos com algumas associações mais próximas com o objetivo de formar uma federação de associações.



Em termos de comunicação e divulgação as associações científicas têm tirado partido da generalização dos meios de comunicação eletrónica, não só dos tradicionais como o uso de websites ou de *mailing list*, mas também de novas formas mais interativas como as redes sociais ou os fóruns. Os participantes referiram também que existem algumas dificuldades em contactar a comunicação social, devido aos poucos jornalistas interessados e aos ritmos acelerados de produção dos textos jornalísticos.

Uma nota final para os efeitos deste tipo de metodologia. Ao contrário de outras metodologias mais “clássicas” nas ciências sociais, como os inquéritos ou as entrevistas, que se destinam principalmente a obter informação dos objetos de estudo, o workshop, ao apresentar e fomentar a discussão sobre informação obtida, tende a exercer uma maior “interferência” e ação transformativa sobre o objeto de estudo. Incrementar a colaboração entre associações, fomentar a criação de alianças, transformar práticas de angariação ou comunicação com os associados, desenvolver novas atividades são alguns dos efeitos possíveis deste workshop, que importará monitorizar no futuro.



Anexos

1. Lista de participantes no workshop

Associação dos Bolseiros de Investigação Científica (ABIC)
Associação Portuguesa de Horticultura (APH)
Associação Portuguesa de Investigação Operacional (APDIO)
Associação Portuguesa de Sociologia (APS)
Evoluir21 Associação para o Desenvolvimento de Competências em Ciências,
Tecnologias e Robótica
Organização dos Trabalhadores Científicos (OTC)
SCIAENA Associação de Ciências Marinhas e da Cooperação
Sindicato Nacional do Ensino Superior (SNESup)
Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa (SCML)
Sociedade Portuguesa de Bioquímica (SPB)
Sociedade Portuguesa de Ecologia (SPECO)
Sociedade Portuguesa de Metrologia (SPMET)
Sociedade Portuguesa para a Qualidade na Saúde (SPQS)
Sociedade Portuguesa de Materiais (SPM)



2. Exercícios propostos nas sessões de trabalho

Tema 1 As associações científicas como mediadoras entre ciência e sociedade

Facilitadora: Ana Delicado

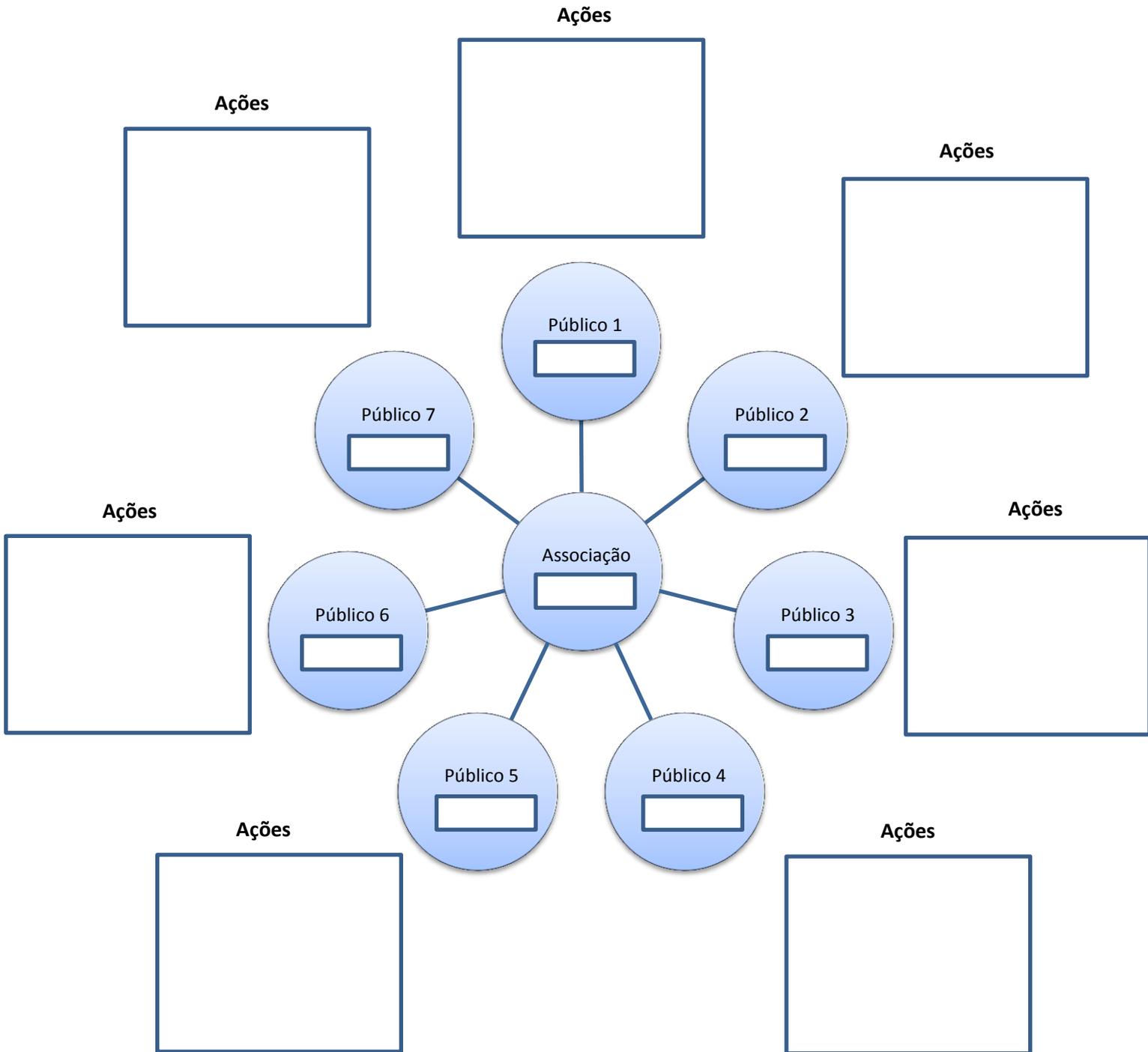
Participantes: 5 a 15

Duração – 1 hora e meia (90 min)

Objetivo: Refletir sobre o papel de mediação das associações científicas entre a ciência e a sociedade, discutir as relações com a administração, as empresas, as escolas, o público em geral.

Organização da atividade:

- a. Os participantes são convidados a preencher um esquema num papel em que identificam os “públicos” atuais da sua associação e que ações desenvolvem para cada um deles (ver imagem em baixo). (5 min para explicar o que se pretende + 10 minutos para escrita)
- b. Findo o tempo reservado para a escrita, todos mostram o seu esquema e gera-se o debate. Diferentes tipos de públicos e de ações emergem, possivelmente (a) os cientistas, (b) os “profissionais”, (c) os estudantes, (d) os políticos, (e) os empresários, etc.. Os participantes discutem, animados pelo facilitador, sobre as presenças e as ausências. (20 min)
- c. Os participantes regressam ao esquema e, com outra cor, identificam os “públicos” ideais/desejáveis da sua associação e que ações gostariam de desenvolver para eles (ou não!). (15 min.)
- d. Findo o tempo reservado para a escrita, todos mostram o seu esquema modificado e gera-se o debate. O moderador procura que isolem os obstáculos para chegar a esses públicos, as vantagens que trariam, as estratégias para os mobilizar. Um voluntário regista num quadro ou folha de papel A2 estes dados. (20 minutos)
- e. Finalmente, os participantes falam livremente sobre os tópicos identificados. Deve nesta altura ser pedido aos participantes que façam propostas concretas sobre como arranjar soluções para as suas próprias associações ou como colaborar entre si. (10 min)
- f. Antes de terminar, elege-se um porta-voz e prepara-se sumariamente o que vai ser dito: uma súmula dos tipos de públicos presentes e ausentes, juntamente com uma súmula das estratégias e problemas e ainda alguns apontamentos finais (por exemplo, propostas mais concretas ou atividades agendadas que tenham saído da discussão). (10 min)





Tema 2 Mobilização e motivação dos associados, formas de divulgação e novos suportes de comunicação

Facilitadora: Cristina Palma Conceição

Participantes: 5 (estimativa)

Duração: 1 hora e meia (90 min)

Objetivo:

Refletir sobre a participação/mobilização dos sócios de associações científicas e sobre as suas eventuais estratégias de promoção.

Organização da atividade:

- a. Os participantes são convidados a categorizar os diversos tipos de sócios que integram as suas associações, identificando as formas como cada um destes participa habitualmente nas principais linhas de atividade da associação e as estratégias de mobilização/divulgação utilizadas até ao momento (ver esquema em baixo). (5 min para explicar o que se pretende + 10 minutos para escrita)
- b. Findo o tempo reservado para a escrita, todos mostram os aspetos identificados e gera-se o debate sobre os elementos facilitadores e/ou as principais dificuldades enfrentadas na mobilização dos diversos tipos de associados (considerando as diversas atividades e as motivações dos associados). Caso pertinente, procura-se identificar formas alternativas de mobilização/divulgação para cada caso concreto. (25 min)
- c. Cada um dos participantes é então chamado a ponderar individualmente o interesse de reforçar a adesão de determinados tipos de associados e/ou captar novos tipos para a sua associação, identificando o tipo de associado em causa, as suas áreas desejáveis de participação e eventuais formas de mobilização (ver esquema em baixo) (10 min.)
- d. Uma vez apresentadas as perspetivas de cada um, procura-se identificar e debater as principais vantagens de tais apostas, os obstáculos perspetivados e as estratégias de mobilização/divulgação que poderão ser mais eficazes/exequíveis em cada caso concreto. (25 minutos)
- e. Antes de terminar, elege-se um porta-voz e prepara-se sumariamente a apresentação dos resultados do grupo de trabalho: uma síntese dos principais tipos de associados já existentes e das suas formas de participação e mobilização, bem como das estratégias de desenvolvimento identificadas (novas formas de mobilização/divulgação, captação de novos associados, etc.). (15 min)



Associação: _____

Tipos de associados	Modos de participação	Formas de divulgação e mobilização	Observações
<i>Atuais</i>			



Associação: _____

Tipos de associados	Modos de participação	Formas de divulgação e mobilização	Observações
<i>Reforços desejáveis</i>			



Eventuais sugestões/orientações

Tipos de associados

Ex. investigadores, técnicos, professores, estudantes, empresas, público em geral; membros da direção, homens/mulheres, jovens/reformados , etc.

Formas de participação

Ex. conceção/organização de encontros, publicações ou ações de formação, presença em eventos, leitura de publicações, consulta do site, redação de pareceres, apoio a escolas, participação em projetos de I&D, pagamento de quotas (sem mais participação), etc.

Formas de divulgação/mobilização

Ex. contactos pessoais, mailing list, site, redes sociais, cartazes, meios de comunicação social; benefícios específicos, etc.

Observações

Ex. obstáculos/facilitadores, formas alternativas, etc.



Tema 3: O cientista como activista: dos direitos laborais ao papel político da ciência.

Facilitadora: Inês Pereira

Participantes: 5 a 15

Duração – 1 hora e meia

Objectivo: Reflectir sobre o papel político das associações científicas e discutir a legitimidade e a necessidade de intervenção social dos cientistas.

Organização da actividade:

- a. Os participantes são convidados a escrever num papel de que forma o cientista pode ser um activista e que funções activistas podem ter as associações. Devem também dar exemplo de associações que se enquadrem nesse espírito. (5 min para explicar o que se pretende + 10 minutos para escrita)
- b. Findo o tempo reservado para a escrita, todos mostram o que escreveram e gera-se o debate. Diferentes conceitos de política emergem, provavelmente (a) a defesa dos direitos laborais dos cientistas, (b) a intervenção com vista ‘ a um mundo melhor’ produto do conhecimento ou (c) a atividade de *lobbying* ou a elaboração de pareceres como forma de intervenção associativa na vida política. Os participantes discutem, animados pelo facilitador, sobre a legitimidade das diferentes concepções de políticas (podem surgir menos ou mais que estas três). (20 min)
- c. Os participantes organizam-se em mini-grupos, cada um perfilando uma forma específica de fazer política (pode-se escolher para cada grupo as pessoas que mais se revêem nele, mas também poderá ser interessante misturar uns cépticos). Os mini-grupos produzem uma lista de oportunidades e desafios – ou forças e fraquezas, ou estratégias e problemas – no fundo o que interessa é que listam formas de intervir socialmente e problemas a esse nível. (15 min)
- d. Representantes dos mini-grupos mostram o que escreveram enquanto um voluntário regista num quadro ou folha de papel gigante questões transversais. No final devem sobressair duas ou três estratégias e dois ou três problemas. (Por exemplo, as estratégias podem incluir criar sinergias com outras organizações de índole não científico ou encontrar canais de comunicação privilegiados junto do poder e os problemas podem ser chegar ao contato com não cientistas e mobilizar os cientistas para a participação social...) (20 minutos)
- e. Finalmente, os participantes falam livremente sobre os tópicos identificados. Deve nesta altura ser pedido aos representantes de associações que elaborem sobre um destes temas fornecendo exemplos reais das suas associações, para que a discussão final contribua para arranjar soluções para casos concretos. (20 min)
- f. Antes de terminar, elege-se um porta-voz e prepara-se sumariamente o que vai ser dito (uma súmula dos tipos de activismo encontrados, juntamente com uma súmula das estratégias e problemas e ainda alguns apontamentos finais (por exemplo, propostas mais concretas ou actividades agendadas que tenham saído da discussão). (10 min)

